

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos: um estudo sobre a sua história e o perfil de seus discentes

The graduate in Education at the Federal University of São Carlos: a study of its history and a profile of its students

Anete Abramowicz¹
Marisa Bittar²
Tatiane Cosentino Rodrigues³

¹ Doutora em Educação pela Universidade de Campinas (Unicamp). Professora Adjunta da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Endereço: Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Metodologia de Ensino. Rodovia Washington Luis, km. 235. Monjolinho 13564-040 - São Carlos, SP - Brasil - Caixa-Postal: 676
Telefone: (16) 3351-8373
Ramal: 8667 Fax: (16) 3351-8372; E-mail: anetabra@power.ufscar.br

² Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Titular da UFSCar; E-mail: bittar@ufscar.br

³ Mestre em Ciências Sociais pela UFSCar; E-mail: tcrufscar@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo trata de aspectos da história do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCar), ao longo de seus 30 anos de existência, e das características do perfil de seus discentes egressos. Para desenvolver a pesquisa, tem-se o uso de duas metodologias conjugadas: 1) consulta a fontes primárias, entre as quais atas de fundação do PPGE e dos momentos mais significativos de sua trajetória, além da leitura de bibliografia relativa à pós-graduação em Educação no Brasil, passo indispensável para compormos esta narrativa sobre a história do nosso Programa; 2) pesquisa de natureza quantitativa, dirigida ao levantamento de indicadores sobre os alunos egressos que frequentaram a pós-graduação em Educação da UFSCar entre 1976 e 2006.

Palavras-chave: Pós-graduação em Educação. Formação de pesquisadores. Perfil dos egressos.

Abstract

This article deals with issues relating to the thirty-year history of the Graduate Program in Education (PPGE) at the Federal University of São Carlos (UFSCar) and the characteristics of its graduates during that period. To develop the study two combined methods were used. The first involved the consultation of primary sources, including the documented minutes of the founding of the Program and of the most important moments of its life. In addition, the Brazilian literature on

graduate study in Education was analyzed in order place the UFSCar experience in historical context. The second method encompassed the investigation of quantitative indicators pertaining to information about the career paths of students who obtained a graduate degree in Education from UFSCar during the period of 1976 to 2006.

Keywords: Graduate study in Education. Training of researchers. Student profiles.

Introdução

Este artigo origina-se de uma pesquisa que realizamos no ano de 2006, quando o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCar) completou 30 anos de existência. Naquele momento, além de aspectos relativos à sua gênese, buscamos colher dados para traçar algumas características do perfil dos alunos, tendo uma preocupação especial em identificar os espaços de atuação profissional dos concluintes dos nossos cursos de Mestrado e Doutorado. Parte dos resultados dessa pesquisa foi publicada pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFSCar por ocasião das comemorações dos 30 anos de pós-graduação da Universidade, o que coincidiu com as três décadas de história do nosso Programa. Entretanto, como o espaço reservado para cada programa naquela publicação era limitado, não nos foi possível apresentar todos os resultados coletados, o que fazemos agora neste artigo. Dessa sorte, o presente texto exhibe a totalidade da pesquisa realizada, dando ênfase ao perfil dos alunos e estabelecendo a relação desse perfil com o dos alunos de outros Programas de Pós-Graduação da UFSCar.

O desenvolvimento da pesquisa deu-se mediante a utilização de duas metodologias conjugadas: 1) a consulta a fontes primárias, entre as quais atas de fundação do PPGE e dos momentos mais significativos de sua trajetória, além da leitura de bibliografia relativa à pós-graduação em Educação no Brasil, passo indispensável para compormos essa narrativa sobre a história do nosso Programa; 2) paralelamente a tal procedimento, realizamos uma pesquisa de natureza quantitativa, a fim de levantar indicadores sobre os alunos egressos que frequentaram a Pós-Graduação em Educação da UFSCar nos seus 30 anos de história, ou seja, de 1976 até 2006. Nessa etapa, os seguintes quesitos foram pesquisados em termos numéricos: ingressos e desligamentos de discentes do Programa; alunos especiais; defesas por gênero; dissertações e teses, que contaram com financiamento; tempo médio para a titulação de Mestrado e Doutorado; defesa por área de concentração; raça/cor dos concluintes; idade; escolaridade dos pais; e profissão atual. Além disso, verificamos se o percurso escolar nos ensinos básico e médio ocorreu em instituições da rede

pública ou privada. Os dados foram obtidos por meio de questionário enviado aos alunos. Nos casos em que não obtivemos as respostas online, utilizamos o recurso do telefonema para completarmos os dados que nos interessavam.

Os primeiros tempos do PPGE da UFSCar

O Brasil vivia sob a ditadura militar, na passagem do governo Médici para Geisel, quando o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos foi criado. Com essa marca de nascença, não apenas a sua origem está relacionada àquele contexto, mas também o ambiente acadêmico que o marcou nos primeiros tempos, devendo a tais circunstâncias um dos elementos da sua própria história.

De fato, a contestação política ao regime militar caracterizou aqueles "anos heróicos", como definiu o seu fundador, Dermeval Saviani.¹ Tanto docentes quanto ex-alunos daquela época convergem no entendimento sobre o ambiente em que se vivia no PPGE/UFSCar, intimamente ligado às lutas pela democracia. Esse se constituiu, pois, em locus de estudos críticos sobre o Estado, a sociedade e a própria política educacional da ditadura militar. O depoimento de Lucíola Licínio Santos, ex-aluna ingressa em 1978, é ilustrativo:

Apesar de, como militante de esquerda, debater frequentemente as questões econômicas, políticas e sociais do País, foi aqui que discuti, pela primeira vez, de uma forma nova, a questão educacional, realizei leituras e participei de debates, os quais me marcaram profundamente tanto do ponto de vista intelectual quanto do profissional [...]. Havia heterogeneidade em termos teóricos e políticos, mas tínhamos em comum uma grande aversão ao regime militar, uma crítica ferrenha ao modelo econômico e social de desenvolvimento do país, assim como uma crítica muito forte ao sistema capitalista (SANTOS, 2001, p. 6).

Passaram-se as décadas, a história foi tomando outros rumos e – quer seja por questões internas, quer seja pelas crises periódicas que as universidades públicas brasileiras enfrentaram ao longo do período, especialmente as reformas da década de 1990 – o PPGE não conseguiu preservar no seu quadro docente a maior parte daqueles que participaram da sua implantação e dos seus primeiros tempos. Em meio às dificuldades, porém guardando algo do seu passado e tecendo as condições para o futuro, o Programa chegou ao fim de novembro de 2006 somando 638 trabalhos defendidos – 509 dissertações e 129 teses – e tendo seus 35 docentes atuando em duas áreas de

¹ No dia 8 de dezembro de 1975, instalou-se a primeira equipe que constituiu a Comissão Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Educação, composta pelos professores Bernadete Angelina Gatti, Maria Amélia Azevedo Goldberg e Dermeval Saviani (coordenador), segundo consta na Ata desse dia.

concentração: Fundamentos da Educação e Metodologia de Ensino. Ao longo dessas três décadas, contou com 12 coordenadores.²

Com efeito, das primeiras iniciativas para a sua criação, em 1974, passando pela implantação dois anos depois, efetivada por meio da matrícula da sua turma inaugural, o PPGE vive a transição entre a geração que o fundou e a renovação característica dos últimos anos – e hoje é um Programa consolidado. É certo que o curso começou a funcionar em condições precárias, sem a necessária estrutura, mas isso não impediu que o Mestrado atraísse grande interesse já na sua primeira seleção: foram 103 inscritos, dos quais 25 aprovados. O credenciamento só ocorreu em 1982, conforme registra o Relatório de Avaliação, atestando que “a Comissão Julgadora da Capes visitou a instituição nos dias 28, 29 e 30 de outubro de 1981, apresentando substancioso relatório de tudo quanto observou” (MEC/CFE, 1981, p. 2).

O PPGE/UFSCar soma hoje 32 anos de história, o que faz dele um dos programas mais antigos do Brasil. Esse fato nos possibilita constatar que a pesquisa realizada pela universidade brasileira está consolidada, de tal modo que, para a geração que chega às suas cadeiras, pode parecer que ela sempre foi desenvolvida nesse âmbito. Mas essa não é a verdade, embora tão familiarizados estejamos com tal prática.

A pesquisa educacional no Brasil remonta à criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), em 1938, atravessando as décadas seguintes com uma produção marcada por estudos de natureza psicopedagógica até chegar aos anos 1950, quando foram criados os Centros Brasileiro e Regionais de Pesquisa. No seu interior, as pesquisas assumiram um caráter funcionalista e, mais tarde, na década de 1960, especialmente após a implantação da ditadura militar, foram influenciadas pela teoria do capital humano. De modo geral, todo esse período, que começou na década de 1930, tem como traço fundamental a orientação oficial, ou seja, tratava-se de uma pesquisa emanada do Estado. Essa tendência foi mantida com o golpe militar de 1964 que, ademais, acrescentou um caráter tecnicista à pesquisa educacional brasileira.

O divisor de águas na história da pesquisa educacional brasileira foi, sem dúvida, a criação dos Programas de Pós-Graduação, trazendo para dentro da universidade a pesquisa que até então se realizava fora dela. Caberia à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) o pioneirismo de criar o programa mais antigo da área educacional, em 1965. Logo em seguida, veio o da PUC de São Paulo (Psicologia da Educação) e, ainda em plena ditadura militar, foi criado outro programa na mesma universidade para estudar a Filosofia e a História da Educação. A respeito do contexto político em que esse Programa nasceu diria, anos mais tarde, o professor Joel Martins,

² Quais foram: Dermeval Saviani (dezembro de 1975 a fevereiro de 1978); José Albertino R. Rodrigues (abril de 1978 a maio de 1980); Valdemar Sguissardi (julho de 1980 a agosto de 1982); Pedro de Alcântara Figueira (outubro de 1982 a março de 1983); Ester Buffa (novembro de 1983 a abril de 1988); Bruno Pucci (maio de 1988 a janeiro de 1992); Eglê Pontes Franchi (janeiro de 1992 a julho de 1992); Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (agosto de 1992 a setembro de 1994); Maria da Graça Nicolleti Mizukami (outubro de 1994 a outubro de 1998); Paolo Nosella (novembro de 1998 a novembro de 2000), Emília Freitas de Lima (dezembro de 2000 a maio de 2003); e Anete Abramowicz (junho de 2003 a junho de 2007). Atualmente, Marisa Bittar é a coordenadora do PPGE.

um de seus fundadores, "já que não podíamos fazer política, pensei, vamos criar a Pós-Graduação" (MARTINS, 1991, p. 150-151). Sua lembrança remetia ao ano de 1968: a Pós-Graduação nascia em meio aos anos de chumbo. No Brasil da época, o espaço para a contestação era muito pequeno, daí a importância assumida por essas "trincheiras de resistência", nas quais se constituíram os primeiros Programas de Pós-Graduação em Educação do nosso País. O nascimento do PPGE/UFSCar, na segunda metade dos anos 1970, portanto, está vinculado exatamente a esse contexto, conforme lemos neste relato:

O clima efervescente de debate que encontrei aqui na Universidade Federal, não encontrei em mais nenhuma universidade brasileira. Cheguei em 78. A UFSCar era uma universidade que participava ativamente dos movimentos sociais – sua comunidade acadêmica estava envolvida, por exemplo, com a fundação do PT. A discussão sobre a redemocratização era muito forte, [...] comentava-se que a UFSCar seria como um balão de ensaio para o que se poderia fazer em outras universidades. Já havia eleições igualitárias, debates intensos na comunidade envolvendo alunos, funcionários, professores. Foi uma época de muita efervescência política, em que se lutava pela anistia, e a universidade também estava concretamente envolvida nesse debate, nessa luta (SANTOS, 2001, p. 6).

Do ponto de vista teórico, a criação do Programa está associada à influência que a fenomenologia começou a exercer na pesquisa educacional, até então fortemente marcada pelas abordagens positivistas, segundo analisou Silvio Gamboa. Discorrendo sobre os referenciais teórico-metodológicos mais influentes na primeira fase da Pós-Graduação em Educação no Brasil, correspondente aos anos de 1971 a 1976, ele afirmou:

As propostas fenomenológicas aplicadas à educação surgem no contexto da organização dos cursos de pós-graduação da PUC-SP, com a vinculação de um grupo de docentes vindos da Universidade de Louvain que, formados em filosofia, começam a estudar os fenômenos educativos, criando um novo enfoque para a pesquisa em educação. Essa proposta foi sendo ampliada na medida em que o modelo inicial de pós-graduação da PUC-SP foi levado pela mesma equipe de professores à Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e à Universidade de Campinas (Unicamp). Posteriormente, essa mesma experiência serviu para que alguns docentes e alunos da PUC-SP, vinculados à Fundação Carlos Chagas, contribuíssem para a estruturação do curso de Pós-Graduação da UFSCar (GAMBOA, 1989, p. 110).

De fato, foi com a contribuição desse grupo de docentes, composto, entre outros, por Newton Aquiles Von Zuben e Joaquim Severino, formados em filosofia na Universidade de Louvain (Bélgica), que o professor Joel Martins organizou o curso de Filosofia da Educação na PUC de São Paulo e de cuja experiência se valeu a UFSCar. Isso porque, por um lado, as abordagens críticas elaboradas por essa corrente teórica abriram novas perspectivas interpretativas na área, embora a própria fenomenologia não viesse a desempenhar maior influência na UFSCar, como veremos adiante. Entretanto, mesmo não se convertendo em corrente expressiva na futura história do PPGE, foi ela, de início, a corrente crítica que se contrapôs aos estudos genericamente classificados como positivistas. Por outro lado, a importância da fenomenologia justifica-se pelo fato de o programa da PUC, naquele contexto, constituir-se em uma espécie de *locus crítico aglutinador* de nomes relevantes da pesquisa em Educação no Brasil, os quais, depois, difundiram essas visões críticas em outros programas, como foi o caso do fundador do PPGE da UFSCar, Dermeval Saviani.

Explicando essa origem, ele assinalou que, inicialmente, como professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação do Instituto Educacional Piracicabano, hoje Unimep, recebera professores da UFSCar. Em 1974, esses professores reiteraram o convite feito antes para que viesse para essa universidade em tempo integral. Mas, como naquele momento era professor da PUC-SP, teve dúvidas em aceitar a proposta. Acabou convencido por Casemiro dos Reis Filho de "que trabalhar em uma universidade pública que era nova, caso da Federal, portanto sem os vícios das instituições mais antigas, apresentava perspectivas estimulantes" (SAVIANI, 2001, p. 5). Com a decisão tomada, pediu afastamento do Mestrado da PUC, onde lecionava desde 1972, e assumiu, a partir de agosto de 1975, contrato em tempo integral na UFSCar para implantar o Programa de Pós-Graduação em Educação.

Para a implantação, a UFSCar contratou quatro pesquisadores da Fundação Carlos Chagas em regime de 24 horas semanais de trabalho: Maria Amélia Goldberg, Bernadete Gatti, Marília Andrade e Guiomar Namó de Mello. O Programa começou com esse grupo de cinco docentes, sendo quatro da Fundação e apenas um da UFSCar, Dermeval Saviani. Para consolidá-lo, Saviani propôs a contratação de mais duas professoras: Maria Luiza Santos Ribeiro e Miriam Jorge Warde, ambas mestres que desenvolviam doutorado e que foram preparadas para assumir a pós-graduação, segundo sua explicação. No ano seguinte, foi contratado o professor José Cláudio Barriguelli, que se responsabilizou por Sociologia da Educação.

A primeira estrutura do PPGE constituía-se de duas áreas de concentração: Planejamento de Ensino e Pesquisa Educacional. Em 1981, a primeira foi substituída pela de Metodologia de Ensino e,

em 1985, a segunda passou a constituir a área de Fundamentos da Educação, estrutura em vigor até o momento.

Mais um programa de pós-graduação em Educação?

No artigo "Universidade Federal de São Carlos: mais um programa de pós-graduação em educação?", publicado em 1976, Maria Amélia Goldberg e Dermeval Saviani argumentaram que, baseados no Plano Nacional de Pós-Graduação e na análise sobre cada um dos cursos existentes na época, planejou-se o Programa de Pós-Graduação da UFSCar (1976). Vinte e cinco anos depois, reavaliando a experiência, Saviani ressaltou os pontos inovadores que marcaram a criação do Programa:

1^a) o próprio nascimento, a partir de um convênio 'feito com uma fundação de pesquisas educacionais, uma instituição que não era universidade, porque pós-graduação, enquanto ensino, é algo peculiar das universidades'; 2^a) a proposição das duas áreas (Planejamento de Ensino e Pesquisa Educacional), a princípio, 'soava meio estranho', pois, como justificar que a própria pesquisa educacional se constituísse em área de concentração? Mas a intenção era a de que, ante as ciências auxiliares – Psicologia, Sociologia etc. – a Educação, 'ao invés de ser ponto de passagem', fosse 'o ponto de partida e de chegada nas pesquisas'; 3^a) a organização curricular por módulos e a forma de distinção entre os núcleos básico e avançado; 4^a) a seleção de caráter nacional para o ingresso no Programa, o que foi feito por meio do envio de prospectos a todos os cursos de Pedagogia, 'de modo que puderam se candidatar ao Programa concluintes de graduação do País inteiro'; 5^a) abolição da carta de referência, prática comum em todos os programas" (SAVIANI, 2001, p. 5).

A implantação, em março de 1976, ocorreu, segundo ele, "quase ao final de um período que costumo chamar de heróico na história da pós-graduação no Brasil, que vai de 1970 até, aproximadamente, 1975. Heróico porque, na verdade, não havia condições prévias mínimas para se implantar seriamente esses cursos" (Idem, *ibidem*). Mas, mesmo com toda a precariedade, o PPGE nasceu inovando. Tratando dessa particularidade, que marcou a sua criação e o seu projeto acadêmico, Luiz Antônio Cunha escreveu:

Havia no currículo desse curso de mestrado uma importante inovação, o Fórum de Debates, que envolvia a participação de docentes de outras instituições. Participei do primeiro desses fóruns, sobre o Estatuto teórico da educação, onde tratei da teoria da violência simbólica. A coisa funcionava

assim: Saviani trabalhava com os estudantes durante uma semana. Depois vinha o professor convidado que, além de uma exposição e uma discussão com os mestrands, deixava uma bibliografia para ser estudada por eles nas duas semanas seguintes. Depois disso, vinha outro convidado, seguido pelo trabalho do professor local, repetindo-se o ciclo até o fim do semestre, quando todos os visitantes participavam juntos de um painel (CUNHA, 1994, p. 43-44).

Outros tempos, outras histórias

Seja como for, o fim de 1977 marca o começo da primeira crise vivida pelo PPG. Segundo Saviani, mudanças institucionais começaram a ocorrer a despeito do projeto do Programa. E mais:

Ficou claro que o projeto elaborado para o Programa de Pós-Graduação estava possivelmente destinado à vala comum das experiências de pós-graduação feitas conforme a estrutura de poder estabelecida na instituição [...]. Diante desse quadro e tendo em vista que a discussão se revelou muito desfavorável à continuidade tanto do nosso trabalho quanto principalmente do projeto em implantação, decidi que não fazia sentido continuar. Solicitei, então, a minha demissão da Universidade. A professora Mirian Warde já havia solicitado a sua. No período, a Fundação Carlos Chagas acabou rompendo o convênio (SAVIANI, 2001, p. 5).

No primeiro momento, o Programa conseguiu sobreviver com os quadros de que a UFSCar já dispunha. Em seguida, sofreu uma reestruturação, ajustando-se à situação institucional, redefinindo as áreas de concentração segundo os departamentos existentes: Departamento de Fundamentos Científicos e Filosóficos da Educação e Departamento de Tecnologia Educacional. Do ponto de vista discente, esse revés sofrido em março de 1978 foi assim percebido:

Chegamos a um Programa em transição porque os seus idealizadores, aqueles que o haviam montado e trabalhado para a sua concretização, não estavam mais presentes. Predominavam pessoas das Ciências Sociais, filósofos, economistas, sociólogos e muito poucos educadores, pessoas com formação no campo da educação. A proposta do professor Saviani, de que a Educação deveria ser o ponto de partida e o ponto de chegada para a discussão dos problemas, talvez tenha se invertido um pouco porque, na verdade, no Programa, os educadores estavam em menor número e hierarquicamente em desvantagem, por não serem doutores (SANTOS, 2001, p. 7).

Essa disputa de projetos e de espaços revela a precocidade do PPGE no quadro geral da Pós-Graduação da UFSCar, pois todos esses docentes das diversas ciências auxiliares da Educação ali atuavam exatamente por existir Pós-Graduação em suas próprias áreas de origem. Ao mesmo tempo, foi uma época em que o marxismo, como referencial teórico, começou a exercer influência no PPGE, conforme constatou Silvio Gamboa, para quem:

No segundo período (1977-1980), aparecem as primeiras dissertações com preocupação crítica e com referencial teórico centrado no materialismo histórico, chegando a representar 16% das pesquisas produzidas na área de Filosofia da PUC-SP; 30% na área de Pesquisa Educacional da UFSCar; e 28% na área de Metodologia de Ensino da Unicamp (GAMBOA, 1989, p. 111).³

Na década de 1990, essa influência declina e tal processo coincide com a implantação do Doutorado, em 1991, e, em cuja exposição de motivos, está presente a preocupação com o nível teórico das pesquisas, conforme lemos:

Apesar das incontáveis dificuldades, a avaliação dos Mestrados em Educação no País é, em conjunto, positiva, pois não se pode negar a importância científica, cultural, e mesmo política desta nova experiência acadêmica. Além de contribuir de modo significativo na formação e renovação dos quadros docentes de muitas faculdades e departamentos de Educação e de estimular pesquisas e dissertações renovadoras e críticas, a Pós-Graduação em Educação desempenhou importante papel de resistência ao rebaixamento da qualidade teórica da produção acadêmica em um período fortemente marcado pela censura e pelo obscurantismo oficial no campo do pensamento universitário, em geral, e no da Educação, em particular. Impõe-se, portanto, um compromisso: o de evitar que essa atividade sofra solução de continuidade (UFSCar/CECH/PPGH, 1990, p. 6).

De fato, a pesquisa educacional no âmbito das universidades brasileiras não sofreu solução de continuidade. Ao contrário: ela se expandiu. Quanto à questão teórica, nesse mesmo período ocorreu a emergência de outros referenciais que hoje estão presentes nas pesquisas realizadas no PPGE: permanece como referencial a fenomenologia, as teorias críticas – nas várias vertentes marxistas e da escola de Frankfurt – e as teorias pós-críticas – apoiadas em Foucault e Deleuze, entre outros.

Ainda no que diz respeito à implantação do Doutorado, concluímos que ela ocorreu em circunstâncias bem diversas daquelas existentes quando da criação do Mestrado, em 1976, e, de acordo com a

³ Ainda sobre a influência teórico-metodológica do marxismo, conferir: FERREIRA Jr. e BITTAR, 2005, p. 68-71.

exposição de motivos citada, a preocupação central girava em torno da continuidade da resistência ao rebaixamento da qualidade teórica exercida pelo Mestrado. Quanto ao corpo docente do PPGE, no ano da implantação do Doutorado, era composto por 16 professores, sendo nove da área de Metodologia de Ensino e sete da área de Fundamentos da Educação. Tal como consta no documento mencionado, em termos acadêmico-organizacionais, a peça fundamental para o bom desenvolvimento do Doutorado era a sua equipe de professores/orientadores (Idem, *ibidem*, p. 61).

Entretanto, dessa equipe, que deveria ser a peça fundamental para o Doutorado, poucos continuaram constando nos quadros. Para termos uma ideia da renovação ocorrida na última década, daqueles professores, permanecem apenas dois docentes da área de Metodologia de Ensino, sendo que uma na condição de voluntária e dois da área de Fundamentos, igualmente na condição de voluntários. Esses voluntários dão mostras da crise por que passaram as universidades públicas durante a década de 1990. Cabe ressaltar que, resultado das novas regras de aposentadoria, ocorreu grande evasão de quadros, os quais, por sua vez, conectados à política de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), bem como à exigência da LDB de um determinado número de mestres e doutores nas instituições privadas, foram contratados por elas, levando consigo a experiência acumulada na universidade pública. Assim, ao mesmo tempo em que provocaram um deficit nas universidades públicas, ajudaram a tornar competitivas as instituições privadas no mercado educacional. Portanto, tem sido com uma equipe quase totalmente nova que o Doutorado em Educação da UFSCar vem realizando as suas atividades nesses 15 anos aqui analisados (1991-2006).

Perfil dos alunos da pós-graduação em Educação da UFSCar⁴

1 Mestrado

O perfil aqui apresentado se valeu da contagem de todos os discentes egressos do PPGE dos cursos de mestrado e doutorado nesses 30 anos do Programa, de 1976 até 2006. Para tanto, primeiramente, realizamos o levantamento dos ex-alunos do Mestrado, nível instituído em 1976, para, em seguida, coletarmos os dados dos egressos de Doutorado, nível mais recente, implantado no PPGE em 1991. Trabalhamos neste artigo com os indicadores de sexo, idade média de conclusão do curso, procedência do aluno, raça/cor, escolaridade dos pais e área de atuação após a conclusão da dissertação e da tese. Alguns indicadores, especialmente raça/cor, por razões de contexto histórico, só constam em relação ao triênio 2004-2006. Os dados foram obtidos, sobretudo,

⁴ Os dados foram obtidos com a colaboração de Maria de Lourdes Bontempi Pizzi, a primeira secretária do PPGE. Ela continua colaborando com o Programa até hoje, realizando levantamento de dados sobre os egressos.

a partir do preenchimento de uma ficha on-line disponível no sítio eletrônico do Programa. Quando isso não foi possível, telefonamos para cada um dos alunos egressos.

Comparamos alguns indicadores com os de outros Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos, no sentido de delinear características para buscarmos especificidades dos alunos do Mestrado e do Doutorado em Educação. Traçar algumas características do perfil dos alunos egressos da Pós-Graduação em Educação é o que este artigo pretende indicar.

Em 1976, a primeira turma que ingressou no Mestrado era composta de 25 alunos. Segundo nossos dados, de 1976 a 1997, conta-se uma média de alunos ingressantes nesse curso de 25 pessoas, assistindo-se à duplicação deste número a partir de 1998. Em 1997, 20 alunos ingressam no curso; em 1998, passa-se a 43 alunos; e, a partir de 2000, mantém-se uma média de 33 discentes ingressantes por ano. A razão que explica esse fato, especialmente até o início de 2000, foi o aumento do número de professores credenciados, contratados conforme a política federal de abertura de vagas para docentes nas universidades públicas, além de um convênio estabelecido entre o PPGE e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) para a formação de mestres, o que foi altamente benéfico para as duas instituições, uma vez que a UEMS estava em seus primeiros anos de funcionamento e buscava formar seus quadros por meio de instituições públicas conceituadas. Já o PPGE da UFSCar, exerceu importante função de cooperação acadêmica com a Região Centro-Oeste.

Em 2000, além de se estabelecer uma média de ingressantes no Mestrado de aproximadamente 33 alunos, o PPGE passou a praticar uma melhor relação entre o número de orientados destinados a cada orientador. Para uma visão de conjunto, é importante observarmos que em 1976, o programa possuía 21 alunos matriculados no Mestrado, enquanto que, em 2006, o corpo discente quadruplicara, passando a 88. A partir de 1998, há um aumento nesse curso em torno de 40% de discentes ingressos, passando de 61 alunos em 1997 para 86 matrículas em 1998.

O Programa, em seus 30 anos de existência, alcançou 516 defesas de mestrado, remetendo a uma média de 34 defesas por ano. Conforme podemos visualizar na Tabela 1, 76% dos mestrados foram defendidos por mulheres e 24% por homens. Feita a comparação com os dados de outros programas de pós-graduação, como consta na Tabela 2, percebemos que tal fato corresponde a uma especificidade da Educação. Há um recorte de gênero importante que faz com que a área da Educação, também em nível de pós-graduação, tenha as mulheres como maioria.

O acesso, as contradições e as transformações pelas quais o magistério passou – pelo fato de ter se tornado uma profissão feminina – foram analisadas em alguns estudos, como, por exemplo, os de Mello (1985), Apple (1988), Novaes (1991), Rosemberg e Amado (1992), Louro (1997) e Schaffrath (2009).

O magistério no século XIX era uma profissão masculina que se feminizou no século XX. Esse processo alterou a própria ocupação, que passou a ser desqualificada: controle mais rígido (o currículo foi padronizado e distribuído por graus, horário mais rigoroso de trabalho), separação das questões administrativas (em geral, a cargo dos homens) das salas de aula e o rebaixamento salarial com uma crescente proletarização da profissão.

Esses fatos podem ser explicados por várias razões: por uma ideologia que define "o lugar próprio da mulher", pelo fato de a sala de aula ser vista como uma extensão do trabalho produtivo e reprodutivo que as mulheres faziam em casa e por ser encarado como a preparação ideal para a maternidade.

Com a obrigatoriedade escolar e as lutas populares pelo acesso à escolaridade, os custos da escola tornam-se muito altos.

O magistério tornou-se uma profissão feminina também porque os homens a abandonaram. Muitos dos que continuaram na profissão tendiam a ser encontrados em postos de mais alta autoridade, status e remuneração. A burocratização da ocupação permitiu essa divisão sexual do trabalho em educação. A luta das mulheres para a entrada no mercado de trabalho fez do magistério uma opção atraente: era distinto em relação às outras profissões femininas, podiam exercer algum poder, ser independentes economicamente etc. Na pós-graduação, podemos observar que algumas áreas vinculadas ao cuidado e à educação, que fazem parte das ciências humanas, mantêm esse caráter feminino.

Tabela 1: Dissertações defendidas segundo gênero, tempo médio e idade (1979-2006)

Ano	Dissertações defendidas	Defesas por homens	Defesas por mulheres	Tempo médio para defesa, em meses	Idade média** ao defender, em anos	Tempo médio*** entre a graduação e a defesa, em anos
1979	5	1	4	39	35	11
1980	12	2	10	41	36	9
1981	12	2	10	47	41	9
1982	2	2	0	30	31	7
1983	10	2	8	56	36	10
1984	6	3	3	58	41	13
1985	9	1	8	46	35	9
1986	12	4	8	62	37	10
1987	10	2	8	59	36	11
1988	10	3	7	64	38	12
1989	12	3	9	66	39	11
1990	18	5	13	65	38	13
1991	21	6	15	58	34	11
1992	18	3	15	51	35	12
1993	12	5	7	57	35	11
1994	20	6	14	54	39	13
1995	18	6	12	49	33	9
1996	23	2	21	45	31	9
1997	16	4	12	43	37	13
1998	14	6	8	44	39	12
1999	27	8	19	41	35	8
2000	16	1	15	41	32	9
2001	34	7	27	36	39	13
2002	43	10	33	38	38	11
2003	36	7	29	40	32	7
2004	35	11	24	34	34	8
2005	33	7	26	34	36	10
2006*	32	5	27	31	36	11
Total ou média	516	124	392	47	36	10

* Dados até 30 de novembro.

** Número de alunos para os quais não há dados sobre a idade: 1980 (1), 1984 (1), 1987 (1), 1993 (1), 1994 (4), 1995 (9), 1996 (17), 1997 (13), 1998 (9), 1999 (9), 2000 (1) e 2006 (1).

*** Número de alunos para os quais não há dados sobre a data de graduação: 1994 (2), 1996 (3), 1997 (2), 1998 (2) e 1999 (1).

Fonte: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

Por meio da Tabela 2, vemos que a Pós-Graduação em Educação Especial – linha derivada da Educação e que se instituiu de forma pioneira na UFSCar – apresenta o maior indicador de presença feminina. Eis a sequência de cursos nos quais se percebe a prevalência de mulheres em relação a homens cursando pós-graduação na Universidade Federal de São Carlos: Educação Especial; Educação; Fisioterapia; Genética e Evolução; e Filosofia – carreiras localizadas no âmbito das Ciências Humanas e Biológicas. Em relação às Ciências Exatas, é a Engenharia Urbana que tem uma porcentagem maior de mulheres. Física, Ciência da Computação e Matemática, por exemplo, são carreiras em que há mais homens titulados. Além disso, há carreiras mistas, como as Ciências Sociais, a Química e a Engenharia de Produção.

A idade média daqueles que defendem Mestrado em Educação é de 36 anos. Interpretamos isso como uma característica da área, ou seja, uma tendência de os alunos serem adultos e profissionais mais maduros que fazem o Mestrado não como recurso imediato à continuidade da graduação, mas como mecanismo de retorno ao sistema escolar, tendo concluído a licenciatura ou o bacharelado há aproximadamente seis e nove anos.

Em relação ao Tempo Médio de Titulação (TMT), temos que, para o primeiro triênio definido pela Capes, 1998–2000, os mestrados foram defendidos após 42 meses; entre 2001–2003, gastaram-se 38 meses; por sua vez, para o triênio 2004–2006, a média caiu para 33,3 meses. Se tomarmos por base os três triênios anteriores à intervenção da Capes, observamos que de 1995 a 1997 foram gastos em média 45,6 meses até a defesa; de 1992 a 1994, 54 meses; e de 1989 a 1991, 63 meses. Os resultados atestam o impacto da intervenção da Capes na diminuição do tempo médio de titulação. É importante destacar a maneira pela qual a avaliação interferiu e produziu uma lógica para todo o sistema de pós-graduação, na medida em que pontuou aqueles que atendessem à norma proposta. Para nós, essa não foi uma prática fácil de ser instituída, pois esbarrou na própria história do Programa, que nasceu e viveu boa parte sem estar premido por prazos tão rígidos.

Tabela 2: Total de defesas segundo curso e gênero

Programas	mestrado		Gênero (%)		doutorado		Gênero (%)	
	Ano início	Total defesa até 2006	F	M	Ano início	Total defesa até 2006	F	M
Ecologia e Recursos Naturais	1976	363	57	43	1976	466	53	47
Fisioterapia ²	1997	83	73	27	2001	14	73	27
Ciências Fisiológicas	1994	90	53	47	1997	39	56	44
Genética e Evolução	1991	146	64	36	1991	66	63	37
Ciências Sociais ¹	1988	139	52	48	2000	15	46	54
Educação especial	1978	3223	92	8	1997	32	86	14
Filosofia ⁴	1988	69	Não há informação		2002	15	Não há informação	
Ciência da computação	1988	318	25	75	Não tem doutorado			
Física	1998	98	20	80	1991	81	16	84
Matemática ⁵	1987	84	37	63	1997	13	8	92
Química	1980	366	46	54	1987	305	45	55
Ciência e eng. de materiais	1979	489	Não há informação		1987	201	Não há informação	
Eng. de Produção	1992	262	49	51	1999	45	56	44
Eng. química	1982	272	Não há informação		1990	104	Não há informação	
Eng. Urbana	1994	169	58	42	2007	Não houve defesa no período		
Estatística	1997	59	Não há informação		Não tem doutorado			
Const. civil	2002	31	42	58	Não tem doutorado			
Linguística	2005	2	Não há informação ²		Não tem doutorado			
Biotecnologia	2004	Não houve defesa no período			2004	Não houve defesa no período		
Agroecologia e Desenv. Rural	2006	Não houve defesa no período			Não tem doutorado			

¹ Percentual calculado considerando os alunos com defesa realizada até 2005.

² Percentual calculado a partir dos alunos ingressantes no período de 1997 a 2004 para o Mestrado e de 2001 a 2003 para o Doutorado.

³ Este número se refere ao período de 1981 a 2005.

⁴ O dado de sexo obtido na Filosofia refere-se à procedência dos alunos e não à defesa. Desse modo, há no Mestrado 91,6% de mulheres ingressantes e 8,4% de homens e, no Doutorado, há 71,83% de mulheres e 28,16% de homens.

⁵ Até 2005.

Fonte: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

Com relação à procedência dos alunos do Mestrado, podemos observar pela Tabela 3 que, das 777 pessoas que passaram pelo programa, 23% vieram da UFSCar; 39% de outras universidades do estado de São Paulo; e 18% vieram de instituições de outros estados. É indiscutível a prevalência dos alunos procedentes do estado de São Paulo, a despeito de 20% dos discentes não terem informado a sua procedência.

Tabela 3: Procedência dos alunos ingressantes no Mestrado segundo o estado

	UFSCar	Estado de São Paulo	Outros Estados	Outros Países	Não Informada
1976	0	7	4	0	14
1977	1	7	2	0	14
1978	1	9	6	0	10
1979	1	5	0	0	5
1980	0	7	2	0	11
1981	2	6	5	0	7
1982	2	4	3	0	14
1983	3	8	6	0	10
1984	1	7	4	0	7
1985	1	9	2	0	8
1986	3	8	1	0	9
1987	4	10	6	0	0
1988	3	5	4	0	8
1989	2	11	2	0	3
1990	0	4	7	0	11
1991	6	8	0	0	5
1992	2	10	5	0	3
1993	1	5	9	0	5
1994	2	6	5	0	7
1995	5	7	5	0	3
1996	8	5	4	0	3
1997	5	10	5	0	0
1998	11	21	11	0	0
1999	12	19	13	0	0
2000	16	10	4	0	0
2001	14	14	8	0	0
2002	13	17	2	0	0
2003	11	16	4	0	0
2004	10	20	3	0	0
2005	18	17	3	0	0
2006	21	11	2	0	1
Total	179	303	137	0	158

Fonte: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

O levantamento e a consolidação de informações sobre raça/cor dos alunos do Programa ainda não foram concluídos. De todo modo, conseguimos agregar dados consideráveis, como pode ser verificado na Tabela 4 (Egressos do Mestrado segundo cor/raça, 2004–2006). De acordo com os dados exibidos nessa tabela, quanto ao triênio 2004–2006, de um total de 100 defesas, 80% dos alunos são brancos, 16% negros (preto + pardo), 1% amarelo e 3% não informaram. A partir desse indicador, podemos observar que a desigualdade étnico-racial também atravessa a pós-graduação, nível de formação na qual os negros estão sub-representados, na medida em que esse percentual não se equipara à presença desse segmento populacional no estado de São Paulo, que é da ordem 31% (IBGE, 2006).

Tabela 4: Egressos do Mestrado segundo cor/raça (2004–2006)

UFSCar/PPGE-Egressos Mestrado 2004 a 2006 por cor/raça*

Ano	amarela	branca	parda	preta	não informada	total
2004	1	24	1	7	2	35
2005	0	28	2	2	1	33
2006	0	28	2	2	0	32
Total	1	80	5	11	3	100

Fonte: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

Em relação ao curso de graduação dos alunos ingressantes na pós-graduação, podemos afirmar que 46% deles, mestres em Educação, são graduados em Pedagogia, 22% em outras áreas das Ciências Humanas, 21% são egressos de cursos da área de Ciências Biológicas e 9% de outras áreas. Apesar da Educação acolher pedagogos em maior número, trata-se de um espaço acadêmico caracterizado pelo ingresso de alunos de todas as áreas do conhecimento.

Das dissertações defendidas, 66% contaram com financiamento, especialmente da Capes. A partir de 2001, pudemos observar uma tendência de empate ou um número menor de dissertações com financiamento, tendência que irá se acentuar e, cada vez menos, a pós-graduação em educação contará com financiamento das agências de fomento. Tal fato demanda uma análise mais precisa no sentido de compreender que tipo de impacto essa mudança trará para a qualidade das pesquisas, na medida em que as pessoas terão que trabalhar ao mesmo tempo em que cursarem a pós-graduação.

A inversão verificada em 2001 no Mestrado reporta ao aumento do número de matrículas no Programa por causa do convênio estabelecido com a UEMS, pois os alunos não dispunham de bolsa, e ao credenciamento de um maior número de docentes, sem que isso revertesse no aumento de financiamento por parte da Capes e

do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – o que indica que o programa tem optado, em face da demanda, por crescer mesmo sem o aumento do financiamento.

2 Doutorado

O Doutorado do PPGE foi instituído em 1991, depois de o Programa haver acumulado boa experiência na Pós-Graduação em Educação e ter o seu Mestrado consolidado, o que consideramos uma característica importante, na medida em que 15 anos de história nesse nível de formação de pesquisadores beneficiou o início do novo curso. Entretanto, a inauguração do Doutorado coincidiu com o início da política educacional do governo federal que, entre outros fatores, resultou em grande número de aposentadorias de docentes das universidades públicas, o que constituiu um grave problema a ser enfrentado pelo PPGE.

As informações apresentadas na Tabela 5 são bastante ilustrativas acerca da sua natureza:

Tabela 5: Teses defendidas segundo gênero, tempo médio e idade (1993-2006)

Ano	Teses defendidas	Defesas por homens	Defesas por mulheres	Tempo médio para defesa, em meses	Idade média** ao defender, em anos	Tempo médio*** entre o mestrado e a defesa, em anos
1993	1	1	0	32	57	4
1994	0	-	-	-	-	-
1995	2	0	2	52	44	7
1996	7	0	7	61	43	10
1997	17	4	13	53	44	8
1998	10	0	10	57	38	9
1999	12	3	9	53	45	10
2000	4	1	3	61	43	8
2001	11	3	8	55	40	7
2002	7	3	4	55	42	8
2003	17	6	11	51	40	7
2004	11	3	8	50	42	9
2005	20	2	18	52	39	7
2006*	14	7	7	52	41	7
Total	133	33	100	52	43	8

* Dados até 30 de novembro.

** Número de alunos para os quais não há dados sobre a idade: 1996 (4), 1997 (7), 1998 (4), 2001 (1) e 2002 (1).

*** Número de alunos para os quais não há dados sobre a data de graduação: 1997 (6).

Fonte: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

O PPGE, na sua origem, fazia seleção para o Doutorado a cada biênio. Dessa forma, não ocorreu seleção de alunos nos anos de 1992, 1994, 1996 e 1998. Após uma avaliação realizada pelas duas áreas que compõem o PPGE, em 1999, a seleção para esse nível passou a ocorrer anualmente, acompanhando, assim, o mesmo procedimento adotado para o Mestrado. Realizaram-se 133 defesas de doutorado até o ano de 2006. Os maiores números de defesas ocorreram em 1997, 2003 e 2005.

Podemos observar também pela Tabela 5 que, em relação ao sexo, 25% dos discentes são homens e 75% são mulheres. Há, portanto, a mesma dinâmica verificada para o Mestrado, a qual evidencia um recorte de gênero na área da Educação, com a prevalência de mulheres.

O indicador de raça/cor, tal como se observa na Tabela 6, só foi possível levantar para o triênio 2004-2006. Os números giram em torno de 45 defesas, das quais seis foram feitas por alunos negros (pretos + pardos), o que equivale a 13% das teses concluídas. Tal fato, mais uma vez, atesta a sub-representação perante a participação desse segmento na população do estado de São Paulo, bem como na população nacional. Com efeito, o índice de negros doutores é inferior ao de mestres no Programa.

Tabela 6: Egressos do Doutorado segundo cor/raça (2004-2006)

Ano	branca	parda	preta	não informada	total
2004	9	1	0	1	11
2005	17	2	1	0	20
2006	12	1	1	0	14
Total	38	4	2	1	45

Fonte: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

O tempo médio de titulação no Doutorado manteve-se, nesse mesmo triênio, entre 52 e 61 meses, independentemente da regra estabelecida pela Capes para o assunto. Conforme sinalizamos, atribuímos essa situação à dificuldade encontrada pelo PPGE para incorporar essas regras mais sistemáticas da avaliação quando ele já tinha uma história relativamente longa e, portanto, uma forma de se conduzir que se conflitava com a nova política de Pós-Graduação do País. Entretanto, observa-se um grande esforço de atender à norma de defesa em 48 meses. A idade média dos doutores egressos do programa é de 42 anos, o que confirma a tendência identificada para a área de Educação quanto à idade madura, na qual se titulam os discentes ingressos. Há, portanto, uma projeção lógica em relação à idade média dos mestres, que é de 35 anos.

Se compararmos à média de idade dos alunos de outras áreas, poderemos observar, por meio da Tabela 7, que os alunos que concluem o Mestrado e o Doutorado nos cursos de Ciências Exatas e Tecnológicas são bem mais jovens que os da Educação e das Ciências Humanas. A área de Física, por exemplo, caracteriza-se pela menor média: com 24 anos os alunos tornam-se mestres e com 28 anos formam-se doutores. Na Matemática, a média de idade também é baixa, denotando uma grande diferença em relação à Educação. Nos âmbitos das Ciências Biológicas e da Saúde, os discentes alcançam o título de mestre entre 27 e 28 anos, e doutores, entre 33 e 38 anos. Há uma hipótese que pode ser levantada a partir dos dados disponíveis, que diz respeito à relação entre gênero e idade média: quando o curso é feminino, a idade média de titulação é maior; ao passo que, quando o curso é masculino e das Ciências Exatas e Tecnológicas, a idade média dos alunos é mais baixa. Os doutores nessas áreas são bastante jovens.

Tabela 7: Idade média em anos dos discentes do Mestrado e Doutorado por área e curso

PROGRAMAS	2004		2005		2006		OUTROS PERÍODOS	
	MESTRADO	DOCTORADO	MESTRADO	DOCTORADO	MESTRADO	DOCTORADO	MESTRADO	DOCTORADO
ÁREAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE								
PPGCF	25,1	35,2	29,7	33,4	30,2	30,8		
PPGERN(1)							27,5	38,4
PPGEV	28	35,9	26,8	35,3				
PPGFTt	25,8	36	28,3	34	27,3	31,8		
ÁREAS CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO								
PPGCSO(2)								
PPGE	34	42	36	39	36	41		
PPGEES	31	35	29	43				
PPGFII(3)								
PPGL(3)								
ÁREAS CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA								
PPGCC	27,2		26,3		27,9			
PPGES	27		28,2		28,1			
PPGF(4)	26	29	23	29	24	26		
PPGM	25,3	31	26,2	28				
PPGQ	26	32	26	31	29	29		
PPGEM(3)								
PPGCiv	29		33		43			
PPGEP(3)								
PPGEQ(3)								
PPGEU	36		37		35			
ÁREA CIÊNCIAS AGRÁRIAS								
PPGADR(3)								
PPGBiotec(3)								

¹ Refere-se ao período de 2000 a 2006.

² Refere-se ao período de 2004 a 2005, somente ao Doutorado – Sexo Feminino: 33,7 anos e Sexo Masculino: 38 anos.

³ Sem informação.

⁴ Idade mínima.

Fonte: ROCHA-FILHO, KIMINAMI e PEZZO, 2007.

Em relação às teses defendidas, obtivemos os seguintes dados em relação ao apoio das agências financiadoras: 57% das defesas contaram com financiamento, sendo a maioria contemplada pela Capes, seguida do CNPq, e apenas uma com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo (Fapesp). Em 2006, há uma inversão, ou seja, 80% das teses defendidas não contaram com financiamento.

Em relação ao financiamento, poderemos observar pela Tabela 8 que, nas áreas das Ciências Biológicas e da Saúde, no triênio 2004-2006, o curso de Fisioterapia contou, em média, com a maior porcentagem de financiamento, assim distribuída ao longo dos três anos: 95%, 72% e 62%, havendo uma considerável redução em 2006. Em seguida, vêm os Programas de Ciências Fisiológicas, de Genética e Evolução e de Ecologia e Recursos Naturais. Nas áreas das Ciências Exatas e Tecnológicas, a Pós-Graduação em Física é a que apresenta o maior índice de financiamento, acompanhada da Engenharia Química e da Matemática – sendo que a última exibe para 2006 um índice de 86% para o Mestrado e 63% para o Doutorado. Nas Ciências Humanas e Educação, a área com maior índice de financiamento é a Educação Especial, bem maior do que outras áreas. A Pós-Graduação em Educação foi justamente a que contou com o mais baixo nível de financiamento.

Tabela 8: Distribuição de bolsas por programas e área (2004-2006)

PROGRAMAS	2004						2005						2006								
	CAPE	CNPq	FAPESP	OUTRAS	TOTAL BOLSAS	ALUNOS MATRICULADOS	% FINANCIADO	CAPE	CNPq	FAPESP	OUTRAS	TOTAL BOLSAS	ALUNOS MATRICULADOS	% FINANCIADO	CAPE	CNPq	FAPESP	OUTRAS	TOTAL BOLSAS	ALUNOS MATRICULADOS	% FINANCIADO
ÁREA BIOLÓGICAS E DA SAÚDE																					
PPGCF (M)	7	4	4	4	15	30	50%	7	4	4	4	15	27	56%	8	7	3	3	18	24	75%
(D)	5	5	6	6	16	34	47%	5	5	6	6	16	35	46%	5	8	7	7	20	36	56%
PPGERN (M)	6	5			11	38	29%	5	8			13	38	34%	11	14	1	1	26	30	87%
(D)	18	3	10		31	96	32%	9	6	2	2	17	101	17%	30	30	5	5	65	113	58%
PPGEV (M)	18	12	2		32			18	12	2		32			10	6	4		20		
(D)	8	6	2		16	28	57%	8	6	2	2	16	25	64%	9	6	2	2	17	25	68%
PPGft (M)	12	4	2		18	19	95%	12	5	1	1	18	25	72%	12	5	1	1	18	29	62%
(D)	7	2	2		11	23	48%	7	3	7	3	17	31	55%	8	4	7	7	19	31	61%
ÁREA CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO																					
PPGCSO (M)	9	3	5		17	43	40%	10	2	8	1	21	48	44%							
PPGE (M)	15	2	2		19	82	23,10%	9				9	79	11,30%	9	1		1	10	88	11,40%
(D)																					

Tabela 8: Distribuição de bolsas por programas e área (2004-2006) (continuação)

PROGRAMAS	2004						2005						2006									
	CAPEs	CNPq	FAPESP	OUTRAS	TOTAL BOLSAS	ALUNOS MATRICULADOS	% FINANCIADO	CAPEs	CNPq	FAPESP	OUTRAS	TOTAL BOLSAS	ALUNOS MATRICULADOS	% FINANCIADO	CAPEs	CNPq	FAPESP	OUTRAS	TOTAL BOLSAS	ALUNOS MATRICULADOS	% FINANCIADO	
PPGEs (M)	16	8	3		27	39	69%	13	9	7		29	44	66%	15	9	15		39	44	89%	
(D)	11	7	7		25	46	54%	9	7	3		19	42	45%	8	7	6		21	46	46%	
PPGFil (M)					11	26	42%					11	35	31%					11	33	33%	
(D)					16	48	33%					17	57	30%					15	58	26%	
PPGL (M)																						
ÁREA CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA																						
PPGCC (M)	21	5			26	66	39%	21	5			26	69	38%	21	5			26	65	40%	
PPGEs (M)																						
PPGF (M)	9	5	2		16	16	100%	9	4			13	15	87%	12	8			20	26	77%	
(D)	20	7	8	1	36	44	82%	20	7	10	1	38	47	81%	17	7	11		35	51	69%	
PPGM (M)																						
PPGO (M)(D)																						
PPGEM (M)															26	17	7		50	69	86%	
(D)															6	27	7		40	63	63%	
PPGCiv (M)	4		1		5	44	11%	5		3		8	46	17%	5				5	39	13%	
PPGEP (M)	12	1	5		18	87	21%	13		4		17	81	21%	15		6		21	68	31%	
(D)	8	10	4		14	59	24%	9	5	2		16	55	29%	8	5	2		15	63	24%	
PPGEQ (M)	10	19			29	38	76%					19	35	54%	1	20			21	38	55%	
(D)	11	20			31	41	76%	17	21			38	53	72%	18	22			40	57	70%	
PPGEu (M)	12	1	3	2	18	54	33%	13	1	1	1	16	51	31%	15	1	3	1	20	61	33%	

Fonte: ROCHA-FILHO, KIMINAMI E PEZZO, 2007.

3 Escolaridade dos pais e atividade atual dos egressos: Mestrado e Doutorado

Em relação à escolaridade dos pais dos egressos de Mestrado, observamos que 23% possuem o ensino fundamental completo, 20% o ensino médio, 11% o ensino superior, 5% não têm escolaridade e 33% não informaram. Quanto às mães, 25% completaram o ensino fundamental, 22% o ensino médio, 9% o ensino superior, 5% não têm escolaridade e 33% não informaram. Há, portanto, uma pequena diferença entre a escolaridade dos pais e das mães, sendo possível entrever relativa vantagem dos pais com ensino superior em relação às mães com o mesmo nível de escolaridade. Seja como for, a maioria dos pais tem uma baixa escolaridade, na medida em que a parte substancial se concentra no ensino fundamental.

Para o caso dos discentes egressos do Doutorado, tal como apresentado na Tabela 9, os dados são os seguintes: 27% dos pais possuem o ensino fundamental completo, 18% o ensino médio, 18% o ensino superior e 7% não informaram. Em relação à escolaridade das mães, 27% completaram o ensino fundamental, 18% o ensino médio, 13% o ensino superior, 4% não tem escolaridade e 7% não informaram. A lógica em relação à escolaridade dos pais dos egressos do Doutorado permanece a mesma vista para o Mestrado, ou seja, a maioria, 58%, concentra-se em uma baixa escolaridade, tendo alcançado o ensino fundamental; ademais, os pais têm uma escolaridade ligeiramente superior à das mães.

Comparando-se a escolaridade dos pais dos egressos do Mestrado e do Doutorado, podemos afirmar que a escolaridade dos pais dos egressos de Doutorado é ligeiramente superior ao dos pais dos alunos do Mestrado.

Tabela 9: Egressos do Mestrado e do Doutorado de 2004 a 2006 por escolaridade dos pais

Ano	Escolaridade do pai						Escolaridade da mãe					
	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Médio	Superior	Sem escolaridade	Não informado	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Médio	Superior	Sem escolaridade	Não informado
Mestrado												
2004	3	9	7	2	2	12	2	10	8	1	2	12
2005	2	4	4	8	0	15	1	5	5	5	2	15
2006	7	8	7	3	2	5	3	10	9	3	1	6
Total	12	21	18	13	4	32	6	25	22	9	5	33

Continuação: Tabela 9

Ano	Escolaridade do pai						Escolaridade da mãe					
	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Médio	Superior	Sem escolaridade	Não informado	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Médio	Superior	Sem escolaridade	Não informado
Doutorado												
2004	6	2	1	2	0	0	6	1	2	1	1	0
2005	4	4	7	2	0	3	6	5	4	2	0	3
2006	4	6	0	4	0	0	2	6	2	3	1	0
Total	14	12	8	8	0	3	14	12	8	6	2	3

Fonte: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

Quanto à atividade atual dos alunos egressos do Mestrado, 53% trabalham como professores –30% no setor público e 23% no setor privado, 64% deles trabalham na rede pública de ensino e, destes, 20% como professores do ensino fundamental público. Em contrapartida, dos 21% que atuam no ensino superior, 17% encontram-se no ensino privado. Os egressos atuam ainda em outras atividades vinculadas à profissão de educador, tais como cargos de direção, coordenação e técnicos, dos quais 21% estão desenvolvendo atividades no setor público e apenas 4% no privado. Um resultado importante sobre o perfil desses egressos é a constatação sobre a inserção de boa parte deles como mestres em instituições de ensino superior privadas, enquanto o setor público atrai outra significativa parcela para a educação básica. Esse fato corresponde também ao tamanho dos dois setores em cada nível de ensino de nosso País, bem como à prioridade que cada qual dispensa a tais níveis.

Quanto aos egressos do Doutorado, a maioria atua como professor (91%). Na carreira, 85% atuam no ensino superior, dos quais 60% na rede pública de ensino. É possível afirmar que o Doutorado tem sido buscado como condição indispensável por aqueles que optaram por ser professores do Ensino superior. Diferentemente do Mestrado, em que a maioria dos egressos atua no Ensino fundamental, apenas 4% dos discentes do Doutorado trabalham com esse nível de ensino. Dessa forma, é possível dizer que o Mestrado e o Doutorado são diferentes em relação à profissionalização dos alunos: o Doutorado é claramente uma opção para aqueles que irão atuar no ensino superior, o Mestrado, é, de fato, um meio do caminho na carreira do professor do ensino superior.

Tabela 10: Egressos do Mestrado e do Doutorado de 2004 a 2006 por profissão/atividade principal/atual

Profissão/Atividade Principal Atual	Mestrado		Doutorado	
	público	privado	público	privado
Professor Educação Infantil	3%	0	0	0
Professor Ensino Fundamental	20%	2%	4%	0
Professor Ensino Médio	3%	2%	2%	0
Professor Ensino Superior	4%	17%	60%	25%
Professor Escolas Livres	0	2%	0	0
Pedagogo, Psicólogo, Orientador Educl., Terapeuta Ocupacl.	3%	3%	0	0
Cargos dir., superv., coordenação, técnicos ligados à Educação	21%	4%	0	2%
Estudante de Doutorado	8%	0	0	0
Desempregado	2%	0	0	0
Pós-doutorado	0	0	2%	0
Sem informação	0	0	5%	0
Total	100%		100%	

Fonte: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

Considerações finais

Este artigo procurou, em uma primeira parte, a partir das fontes disponíveis no PPGE – atas de reuniões, folhetos e revistas editadas, entrevistas e relatos de professores e funcionários fundadores do programa, além de bibliografia específica – compor uma breve narrativa sobre a história do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. Na segunda parte, de forma complementar, traçamos um perfil dos discentes egressos do Mestrado e do Doutorado do Programa, que, no ano de 2006, completou 30 anos de existência. Os indicadores levantados foram: número de ingressantes no Programa; desligamentos; número de defesas por gênero; dissertações e teses que contaram com financiamento; número de alunos especiais; tempo médio para a titulação; defesa por área de concentração; raça/cor dos concluintes; idade; escolaridade dos pais; profissão atual; além de termos verificado também se a escolaridade dos Ensinos Fundamental e Médio foi realizada na escola pública ou privada. Conforme mencionado, os dados foram obtidos por meio de questionário enviado aos alunos ou, como segundo recurso, por telefonemas.

A maioria dos dados coletados refere-se à totalidade dos egressos. Todavia, os indicadores de raça/cor, financiamento, escolaridade dos pais e profissionalização dos alunos referem-se ao triênio 2004-2006.

Pode-se afirmar em relação a esse perfil que:

- A maioria dos egressos do Mestrado e do Doutorado são mulheres;
- A idade média dos alunos egressos é alta em relação aos outros programas de pós-graduação, de modo que os alunos que frequentam o Mestrado e o Doutorado em Educação são menos jovens se comparados à idade média dos discentes de outros programas;
- Os negros estão sub-representados no Mestrado e no Doutorado em relação à participação desse segmento populacional no conjunto de habitantes do estado de São Paulo – sendo que a porcentagem de doutores negros é bem menor que a de mestres negros e, obviamente, muito inferior à porcentagem de brancos;
- É baixa a escolaridade dos pais e das mães dos alunos de Mestrado e de Doutorado; a maioria tem o ensino fundamental completo. Os pais levam uma ligeira vantagem em relação às mães;
- O PPGE tem o menor índice de financiamento externo em relação aos outros programas da UFSCar. Esse fato indica, entre outros aspectos, que prevalece uma opção do Programa de qualificação de profissionais sem financiamento;
- Quanto à profissionalização, o Doutorado é uma carreira que tem produzido professores para o ensino superior, 60% deles para o ensino superior público. Entre os mestres que obtêm emprego no Ensino superior, 17% ingressam na rede de ensino privado. Desse modo, os mestres ingressam na rede privada de ensino superior e os doutores, em sua maioria, na rede pública;
- A maioria dos mestres trabalha na rede pública do Ensino fundamental, bem como os discentes em geral exercem profissão vinculada à área da educação; e
- Os alunos são majoritariamente oriundos do estado de São Paulo e o Doutorado da UFSCar absorve, na maioria das vezes, os alunos de Mestrado da própria instituição.

Concluimos que muito ainda pode ser explorado sobre os dados obtidos, entretanto, mesmo sem esgotar o tema, consideramos válida esta primeira aproximação, no momento em que o PPGE completou os seus 30 anos de existência. Há um extenso material sinalizando

possibilidades de investigação que estão abertas e que ainda devem ser realizadas, entre elas a pesquisa sobre a própria produção do Programa, isto é, as suas dissertações e teses. Estamos convencidas de que identificar a especificidade da pesquisa realizada na Pós-Graduação em Educação contribui para melhor conhecermos os alunos que dela fazem parte. Desse modo, nosso objetivo foi contribuir para a configuração do perfil dos alunos egressos do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar pretendendo, com isso, colaborar também para o próprio conhecimento desse perfil em âmbito nacional.

Recebido em 24.10.2008
Aprovado em 08.09.2009

Referências Bibliográficas

- APPLE, M. Ensino e Trabalho Feminino: uma Análise Comparativa da História e Ideologia. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, (64), p. 14-23, 1988.
- CUNHA, L. A. A atuação de Dermeval Saviani na Educação Brasileira: um Depoimento. In: SILVA Jr., C. A. da (Org.). *Dermeval Saviani e a Educação Brasileira: o Simpósio de Marília*. São Paulo: Cortez, p. 41-62, 1994.
- FERREIRA Jr., A.; BITTAR, M. O Marxismo como Referencial Teórico nas Dissertações de Mestrado em Educação da UFSCar (1976-1993). *Cadernos CEMARX*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 65-71, 2005.
- GAMBOA, S. A. S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, I. (Org.). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.
- IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2005*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.
- LOURO, G. L. Mulheres nas Salas de Aula. In: PRIORE, M. del (Org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

MARTINS, J. Depoimento. In: NOSELLA, P.; e BUFFA, E. A Educação Negada. São Paulo: Cortez, 1991.

MEC/CFE. Parecer sobre o Credenciamento do PPGE/UFSCar. Brasília, 1981.

MELLO, G. N. de. Magistério de 1º Grau: da Competência Técnica ao Compromisso Político. São Paulo: Cortez, 1985.

NOVAES, M. E. Professora Primária: Mestra ou Tia. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

ROCHA-FILHO, R. C.; KIMINAMI, C. S.; PEZZO, M. R. (Orgs.) 30 Anos de Pós-Graduação na UFSCar – Multiplicando Conhecimento. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

ROSEMBERG, F.; AMADO, T. Mulheres na Escola. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 80, p. 62-74, 1992.

SANTOS, L. L. P. Depoimento. Informando do PPGE: Especial de Aniversário do PPGE, n. 5, p. 6-7, 2001.

SAVIANI, D. Depoimento. Informando do PPGE: Especial de Aniversário do PPGE, n. 5, 2001.

SAVIANI, D.; GOLDBERG, M. A. Universidade Federal de São Carlos: mais um programa de pós-graduação em Educação?. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 16, p. 3-6, 1976.

SCHAFFRATH, M. A. S. Profissionalização do Magistério Feminino: uma história de emancipação e preconceitos. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/23/textos/0217t.PDF>>. Acesso em: 2009.

UFSCar/CECH/PPGH. Projeto de Doutorado em Educação. São Carlos: UFSCar, 1990.